



PREVISÕES SOMBRIAS

Melchíades Ramalho / Editora Rudder



Foi oportuno e preciso o texto de Sussumu Nyiama, publicado em recente “Coluna do Conselho” na edição de número 43 da revista *Fundações & Obras Geotécnicas* assinalando os erros de gestão do Governo Federal nos preparativos do País para sediar a Copa do Mundo, que se inicia este mês. O sonho incutido no povo brasileiro, de grandes resultados com o evento, está se tornando uma realidade bem dura, muito inferior à espec-

tativa inicial. Muita coisa importante não foi feita e possivelmente ficará apenas nas promessas oficiais de um duvidoso legado permanente, propagadas pelo governo, e estimuladas pela FIFA (Federação Internacional de Futebol Associado).

Se o custo das obras relacionadas apenas com a construção das 12 novas arenas esportivas, ainda não concluídas, já chega perto dos 9 bilhões de reais, ao serem computados os

gastos com as obras de acessos e mobilidade urbana, o valor total pode se aproximar dos absurdos 30 bilhões de reais, segundo dados divulgados na revista “O Empreiteiro” (edição de abril de 2014).

Apesar da presidente Dilma Rousseff e seus ministros terem repetidamente declarado não haver verbas da União aplicadas na construção das arenas, é fato que cerca de 30% do valor das obras decorreu de empréstimos, em

grande parte contraídos direta ou indiretamente pelos governos estaduais, nos bancos como (BNDES Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) e o BNB (Banco do Nordeste do Brasil), ambos instituições federais. Contrariamente ao prometido, somente parte dos empréstimos veio de agentes privados. Na prática, a conta será gradativamente paga pela população, que continuará carente de infraestrutura adequada nos setores de transportes, água e energia. O próprio técnico da seleção brasileira, Felipão (Luiz Felipe Scolari), em recente momento de descontração no programa “Fantástico”, da Rede Globo, opinou com franqueza que o país não conseguiu aproveitar os sete anos que teve para se organizar de forma adequada com relação a aeroportos, estradas, saúde e educação, que são as principais demandas da população. Para piorar, há estimativas recentes que só deverão vir para a Copa cerca de 300 mil turistas estrangeiros, menos da metade do total alardeado nas declarações iniciais do governo.

O impacto do evento vai ser infelizmente bem menor que o esperado, em especial para os setores de alimentação, comércio, bebidas, publicidade, hotelaria e turismo. O saldo econômico do ano da Copa será, portanto, bem inferior ao antecipado nas ações iniciais de publicidade eleitoral.

Como foi bem sugerido no texto escrito por Sussumu, essas previsões sombrias, caso concretizadas, podem comprometer seriamente a imagem da engenharia nacional, que teria atendido aos desafios da preparação dentro dos prazos e orçamentos exigidos, sem o triste saldo de nove operários mortos nas obras dos estádios da Copa do Mundo, não fossem os erros da gestão pública.

Outro exemplo dos resultados do atraso das obras foi a ocorrência, a um mês do início da Copa, de sérias goteiras e infiltração após uma tarde de fortes chuvas no Aeroporto Internacional de Manaus — Eduardo Gomes (AM), cujas

obras de renovação consumiram mais de 400 milhões de reais.

Por ironia, ou azar, no mesmo dia, a presidente Dilma declarava à imprensa que os aeroportos do País estavam “preparados” para o Mundial da FIFA, apesar da estimativa dos organizadores de se ter cerca de 3 milhões de passageiros transitando pelos aeroportos das cidades-sede da Copa no mês do torneio.

Vale lembrar o exemplo da Colômbia que não se curvou às regras e exigências da FIFA e em 1982 abdicou de sediar o Mundial, que acabou sendo realizado no México, quatro anos depois. Chega de sonhos e promessas. Essa maratona de sete anos de preparação para a Copa já está perdida. As lições deveriam ser aprendidas, e o governo precisa reconhecer as falhas e focar em planos factíveis, para não desperdiçar os dois anos que ainda faltam para as Olimpíadas de 2016.

Um importante sinal de alerta veio em recente reportagem do jornal “The New York Times”, que denunciou ao mundo as péssimas condições das águas da Baía de Guanabara (RJ), que, a despeito da beleza inigualável, permanece abandonada pelos governantes, com água escurecida pelo lixo e poluição, sendo sabidamente inadequada para sediar competições internacionais de iatismo e *windsurfe*.

A matéria do jornal americano enfatiza a declaração de um velejador austríaco, que afirma ser a Baía de Guanabara o pior lugar em que ele já treinou, com muito lixo acumulado na superfície da água e um forte cheiro de esgoto.

Para evitar a vergonha maior de todos os brasileiros, talvez deva ser seriamente considerada a ideia de transferir essas provas náuticas para Búzios (RJ), conforme sugerido por alguns de nossos famosos esportistas olímpicos.

Dilma precisa encarar a realidade e parar com declarações enganosas como a veiculada em recente programa de rádio – “Vamos receber todos muito bem, os brasileiros poderão se orgulhar do Brasil que estamos construindo” – e a famosa afirmação de autopromoção: “Esta será a Copa das Copas!” 🌐



Acervo Pessoal

// Como foi bem sugerido no texto escrito por Sussumu, essas previsões sombrias, caso concretizadas, podem comprometer seriamente a imagem da engenharia nacional, que teria atendido aos desafios da preparação dentro dos prazos e orçamentos exigidos, sem o triste saldo de nove operários mortos nas obras dos estádios da Copa do Mundo, não fossem os erros da gestão pública //

Alberto Sayão é professor de engenharia geotécnica da PUC-Rio (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro), membro da ANE (Academia Nacional de Engenharia), CBDB (Comitê Brasileiro de Barragens) e ABMS (Associação Brasileira de Mecânica dos Solos e Engenharia Geotécnica).